

CHRIS GUILLEBEAU

A FELICIDADE DA BUSCA

JORNADAS QUE TRANSFORMAM
AS NOSSAS VIDAS

Tradução
BRUNO CORREIA



FONTANAR

Copyright © 2014 by Chris Guillebeau

Publicado em língua portuguesa por acordo com Harmony Books, selo do grupo Crown Publishing Group, uma divisão de Random House LLC.

O selo Fontanar foi licenciado para Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Happiness of Pursuit

CAPA Claudia Espínola de Carvalho

FOTO DE CAPA © Shutterstock

PREPARAÇÃO Andressa Bezerra Corrêa

REVISÃO Adriana Bairrada, Valquíria Della Pozza

ILUSTRAÇÕES p. 113 por Nicholas Felton; p. 192 por Mike Rohde

ÍNDICE REMISSIVO Probo Poletti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guillebeau, Chris

A felicidade da busca : jornadas que transformam as nossas vidas / Chris Guillebeau ; tradução Bruno Correia. — 1ª ed. — São Paulo : Fontanar, 2015.

Título original: The Happiness of Pursuit.

ISBN 978-85-390-0698-4

1. Autorrealização (Psicologia) 2. Felicidade. I. Título.

15-03345

CDD-158

Índice para catálogo sistemático:

1. Felicidade : Psicologia aplicada 158

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

Sumário

I. COMEÇO

<i>Prólogo: Na estrada</i>	9
1. Despertar	17
2. O grande descontentamento	28
3. O chamado	40
<i>Missiva: Coragem</i>	50
4. Momentos que definem	52

II. JORNADA

5. Autossuficiência	67
6. Aventura diária	81
<i>Missiva: Rotina</i>	93
7. Tempo e dinheiro	96
8. Listando para viver	110
9. Para a frente	123
10. O amor pelo trabalho	134
11. Juntando forças	146
<i>Missiva: Luta</i>	156
12. Rebelde por uma causa	159
13. A longa estrada	171
14. Desventuras	187

III. DESTINO

15. Transformação	199
<i>Missiva: Comunidade</i>	210
16. De volta para casa	213
17. <i>Finale</i>	227
<i>Apêndice 1: Lições da minha jornada</i>	235
<i>Apêndice 2: Lista de personagens</i>	239
<i>Apêndice 3: Uma busca para todos</i>	247
Índice remissivo	253

I. COMEÇO

1. Despertar

É perigoso sair porta afora, Frodo [...]. Você pisa na Estrada, e, se não controlar seus pés, não há como saber até onde você pode ser levado.

J. R. R. Tolkien

LIÇÃO: A AVENTURA É PARA TODOS

Vivemos em tempos interessantes, uma era extraordinária que oferece incontáveis oportunidades para o crescimento e progresso pessoais. Por mais ocupados que sejamos, a maioria de nós ainda possui tempo livre suficiente para se dedicar a hobbies e desenvolver habilidades não essenciais. Pelo preço de uma passagem de avião, podemos partir para terras estrangeiras. Qualquer coisa que queiramos aprender está facilmente ao alcance.

Ainda assim, podemos ser oprimidos pelas oportunidades. Uma vez que nossas necessidades básicas estão atendidas, como escolher no que focar? Para muitos de nós, a resposta é surpreendentemente simples: escolhemos abraçar uma busca e viver uma aventura.

Em encontros informais e cafés nos cinco continentes, procurei por pessoas que estivessem envolvidas em alguma missão e escutei suas histórias. Através de uma série de entrevistas e questionários, importunei-as perguntando por que decidiram dedicar tanta atenção e tanto tempo nesse objetivo. O que aprenderam, como mudaram ao longo do trajeto?

Independentemente do tipo de projeto em que estivessem envolvidas, percebi que as pessoas empenhadas em uma busca costumam ter coisas em comum. Por exemplo, conversei com um bocado de gente que

havia caminhado, pedalado ou velejado por milhares de quilômetros por conta própria. Eu não caminhei, pedalei ou velejei milhares de quilômetros (prefiro aviões). Aqueles que sentiram a necessidade de realizar tais jornadas provavelmente não estavam muito interessados no que eu tive de enfrentar (é provável que não quisessem passar incontáveis noites tentando dormir no chão de aeroportos ou inúmeros dias lidando com oficiais de imigração corruptos em situações estressantes). Mas o desafio por si só — a ambição de correr atrás de um objetivo e o desejo de fazer o que fosse necessário para superá-lo — era um traço comum.

Procurando respostas, tomei emprestado o método utilizado no meu livro anterior, *A startup de \$100*, em que uma pequena equipe e eu lançamos uma extensa rede para pescar histórias de todo o mundo. Uma coisa levava a outra e as histórias se acumulavam facilmente, uma pessoa interessante nos conduzindo à próxima.

Entretanto, dessa vez eu enfrentava um desafio maior. Se você procura por histórias de pessoas que abriram seu negócio com pouco dinheiro ou instrução, o critério está claro. Mas quais histórias selecionar quando o assunto é “buscas”?

Trabalhando novamente com uma equipe reduzida e um grande suprimento de café, mais uma vez lancei uma extensa rede, agora procurando por alguém que tivesse empreendido uma grande jornada ou uma aventura significativa. Ao deixar o chamado aberto, esperava escutar histórias sobre uma variedade de assuntos. Como pessoas engajadas em uma grande jornada nem sempre estão on-line (e algumas não saem por aí falando dos seus projetos), encorajamos os leitores a enviarem também histórias de conhecidos.

Uma convocatória generalizada era um bom ponto de partida, mas logo percebemos que precisávamos estabelecer alguns critérios mais específicos. Entre as respostas iniciais havia um grande número de histórias relacionadas à melhoria de vida em geral — como entrar em forma, abrir um pequeno negócio ou escrever um livro. São coisas legais e boas, mas que não se enquadram em *buscas*. Decidir melhorar de vida, por mais significativo que seja no nível pessoal, não é uma busca em si. Parar de fumar, perder peso ou liquidar uma dívida são objetivos respeitáveis, mas não devem ser o ponto central de toda uma vida.

Definimos que uma busca é algo maior. Precisa de mais tempo e demanda mais comprometimento que uma melhoria de vida em geral. Ainda assim, o que é *exatamente* uma busca? Como podemos defini-la?

Decidimos deixar as histórias falarem por si. Atravessar um continente a pé e ficar sem falar por uma década? Sim, isso conta. Abrir mão de um cargo bem remunerado para defender os direitos das mulheres em Bangladesh... como voluntária e sem reconhecimento por vinte anos? Sim, isso também.

Depois de muita discussão, eis os critérios que estabelecemos:

Uma busca tem um objetivo claro e um ponto final específico.

Pode-se explicar uma busca em uma frase ou duas. Toda busca tem um começo e, mais cedo ou mais tarde, chega a um fim. (Nem todo mundo vai entender o *porquê* da sua busca, mas isso é outro assunto.)

Uma busca apresenta um desafio claro.

Por definição, uma busca exige que um obstáculo seja superado. Nem toda busca precisa ser perigosa ou ter um objetivo quase inalcançável, mas também não deve ser fácil de realizar.

Uma busca envolve algum tipo de sacrifício.

Não existe a opção “ter tudo” numa busca — para perseguir um sonho, você deve abrir mão de alguma coisa no caminho. Às vezes, o sacrifício é claro no começo, outras vezes ele só se torna evidente mais à frente.

Uma busca é normalmente impulsionada por um chamado ou um senso de missão.

Um chamado não precisa vir na forma de inspiração divina. É normal que ele se expresse simplesmente por um profundo senso de propósito. Não importando sua forma, pessoas em busca de algo se sentem guiadas, impelidas ou simplesmente motivadas a seguir adiante.

Uma busca demanda uma série de pequenos passos e um progresso gradual rumo ao objetivo.

Como veremos, muitas buscas são compostas de uma marcha longa, lenta e constante em direção ao alvo, pontuada por alguns momentos de glória e euforia. Você não alcança o cálice sagrado um dia depois de sua partida. (Se alcançá-lo, é provável que não seja o cálice sagrado e certamente não foi uma busca.)

Para resumir, uma busca é uma jornada atrás de um objetivo específico, com uma série de desafios no trajeto. A maioria das buscas também demanda uma série de passos logísticos e algum tipo de crescimento pessoal.

Antes de fazer qualquer coisa, é preciso definir a miríade de aspectos práticos e obstáculos que você vai encontrar no caminho. No meu caso, tive que obter vistos e arranjar meios de transporte. Precisei descobrir como visitar países hostis que não dispunham de um departamento de turismo pronto para tirar dúvidas ou informar sobre roteiros turísticos. Quando me deparava com problemas, eu tinha de dar um passo para trás e me reorganizar, e então fazer planos para tentar novamente.

Em uma busca verdadeira, daquelas que mudam sua vida, deve-se levar em conta não apenas questões práticas: também é preciso se tornar alguém melhor do que era quando começou. Você precisa se aprimorar ao longo da jornada.

Ah, e há mais uma coisa que aprendi: na maioria das vezes, algo inesperado acontece ao longo do caminho.

POR QUE VOCÊ DEVE EMPREENDER UMA BUSCA?
Este livro oferece a oportunidade de examinar dezenas de buscas, projetos e aventuras. Se você já está pensando em como aplicar essas lições em sua vida, leve essas perguntas em consideração. Quanto mais as respostas tenderem ao “sim”, maior a probabilidade de curtir a ideia de iniciar uma busca só sua.

- Você gosta de fazer listas e conferir o que já foi feito?
- Sempre gostou de estabelecer metas?
- Você se sente motivado conforme faz progressos rumo a um objetivo?
- Você gosta de se planejar?*
- Tem um hobby ou uma paixão que nem todo mundo compreende?
- Você se pega sonhando acordado ou imaginando levar um tipo de vida diferente?
- Gasta muito tempo pensando em seu hobby ou sua paixão?

CLASSIFICANDO A AVENTURA

Em lendas antigas, a maioria das buscas envolvia descoberta ou confronto. Um reino sitiado que precisava ser defendido. Um minotauro em uma terra distante toma conta de um cálice mágico que só pode ser resgatado pelo herói.

Por sorte, no mundo real as buscas apresentam mais possibilidades que meramente invadir castelos resgatando princesas e, salvo algumas exceções, jornadas modernas podem ser enquadradas em algumas categorias mais abrangentes. Viagem é um ponto de partida bem óbvio. Pesquisando por histórias e recebendo contribuições dos leitores, eu soube de pessoas que se lançaram em viagens ao redor do globo de diferentes maneiras ou tentaram ser os primeiros a alcançar determinada meta desafiadora longe de casa.

Para além de “viagem”, as categorias “aprendizado”, “documentação” e “atletismo” são autoexplicativas. Quando um estudante canadense decidiu encarar em apenas um ano a grade curricular de quatro anos do curso de ciências da computação do MIT, publicando on-line os resultados de seus exames durante o processo, a busca era claramente direcionada ao aprendizado e à realização pessoal. Quando uma

* Pesquisas indicam que desfrutamos do planejamento das férias tanto quanto das próprias férias. A expectativa é uma força poderosa.

jovem adestradora de cavalos que participava de competições internacionais decidiu adotar e treinar um animal especialmente difícil — inclusive alcançando uma excelente colocação em um importante campeonato europeu —, a busca era claramente atlética.

Talvez mais interessante que categorizar em tópicos seja perguntar de modo mais amplo o *porquê* de as pessoas empreenderem buscas e aventuras. As respostas também se encaixam em categorias, embora não sejam rigidamente definidas. Viajando o mundo e percorrendo minha caixa de mensagens, alguns temas eram recorrentes:

Autodescoberta. Assim como heróis do passado montavam em cavalos para perseguir seus sonhos em florestas encantadas, muitos ainda partem para se “encontrar”. Nate Damm, que atravessou os Estados Unidos de costa a costa a pé, e Tom Allen, que partiu de sua cidade na Inglaterra para percorrer o mundo de bicicleta, a princípio saíram de suas casas simplesmente porque podiam. Queriam desafiar a si mesmos, aprendendo mais sobre o mundo. Alguns de seus amigos e familiares entenderam o desejo deles de se lançar em grandes jornadas — ambos abriram mão do emprego para fazer isso —, mas outros não os compreendiam. “É algo que preciso fazer”, disse Nate. “Tem a ver com deixar um pouco de risco entrar na sua vida”, explicou Tom.

Reivindicação. Em tempos antigos, reivindicar algo se resumia a tomar de volta um pedaço de terra. Lembre-se de Mel Gibson em sua clássica performance como William Wallace em *Coração valente*, no topo de uma colina gritando “Liberdaaaaaade!” para defender sua Escócia dos tiranos ingleses do sul.

Muitas pessoas ainda empreendem buscas de reivindicação, embora não mais com espadas e escudos. Sasha Martin, que mora com sua família em Oklahoma, cresceu fora do país e queria introduzir em seu lar a consciência sobre diferenças culturais. Sem poder viajar para terras estrangeiras — ao menos não naquele momento —, decidiu preparar refeições típicas de cada país, com menu completo e uma miniceleração.

No interior do Alasca, Howard Weaver liderou uma improvável equipe que assumiu um jornal local. Em uma épica batalha que se estendeu por anos, Howard e seus funcionários lutaram para representar a “voz de uma população” em contraponto à grande imprensa, rica e poderosa.

Resposta a eventos externos. Sandi Wheaton, funcionária de carreira da General Motors, foi demitida em 2009, no ápice da crise da indústria automobilística. Em vez de optar pela estratégia típica (primeiro entrar em pânico, depois fazer de tudo para conseguir outro emprego), ela partiu em uma longa viagem, tirando fotos e documentando cada passo de sua aventura. Minha própria jornada a todos os países surgiu inicialmente de uma experiência pós-Onze de Setembro, quando decidi encontrar um modo significativo de colaborar. Minha busca existencial me levou a passar quatro anos a bordo de um navio-hospital na África Ocidental, que serviu de estopim para tudo o que viria depois.

Desejo de posse ou empoderamento. Julie Johnson, deficiente visual que treinou seu próprio cão-guia, contou-me que fora motivada, pelo menos em parte, pela pressão posta sobre ela de que *não devia* fazer do seu jeito. “Provavelmente, a principal razão é que me parecia certo”, comentou ela. “Eu precisava fazer ALGO IMPORTANTE. Àquela altura, não sabia que aquilo era algo importante [...]. Só sabia que era uma coisa que precisava ser feita por mim mesma. Se eu não fizesse, sempre me perguntaria como poderia ter sido.” Essa perspectiva — “se não tentasse, sempre pensaria no que poderia acontecer” — era recorrente nas histórias que observei.

Tomando partido de algo. Algumas pessoas que conheci eram basicamente missionárias ou defensoras de uma causa, compartilhando suas histórias com qualquer um disposto a ouvi-las, formando laços ao longo do caminho. Miranda Gibson, por exemplo, passou mais de um ano vivendo em uma árvore na Tasmânia, protestan-

do contra o desmatamento ilegal. Outros dedicaram a vida a causas que acreditavam, sacrificando renda e tempo (às vezes, até mais) para dar o melhor de si.

HÁ UMA AVENTURA RESERVADA PARA VOCÊ TAMBÉM

No mundo real, uma aventura não se resume a viajar pelo mundo (embora muitas das histórias deste livro envolvam viagens), nem toda busca necessariamente nos obriga a sair de casa (embora muitas vezes demande que se saia de uma zona de conforto). Durante as próximas duzentas e tantas páginas, você encontrará dezenas de histórias incríveis. Vai conhecer melhor as pessoas que mencionei até aqui e muitas outras. E perceberá que a maioria dessas histórias é sobre pessoas comuns que fizeram coisas incríveis.

Claro, existem exceções, e a história de Martin Parnell me vem à mente. Martin conseguiu a proeza de correr 250 maratonas em um único ano, ignorando uma legião de fisiologistas do esporte e atletas que disseram que tal coisa era impossível. Você pode estar interessado em saber *por que* ele fez isso, ou *como* ele conseguiu — mas é pouco provável que tente fazer o mesmo. E ainda assim, tudo bem. Como eu já disse, a maior parte do “elenco de personagens” deste livro é de pessoas normais: não possuem poderes ou habilidades especiais. Suas trajetórias — e, em muitos casos, suas conquistas — são extraordinárias, mas a maioria desses indivíduos foi bem-sucedida não por conta de um talento inato, mas por causa de suas escolhas e dedicação.

Muitas vezes os objetivos se tornam mais ambiciosos à medida que o tempo passa e a experiência se acumula. Os entrevistados com frequência mencionavam suas próprias limitações ou a crença de que “qualquer um” poderia fazer o que eles realizaram — mas, como você verá, poucos teriam a determinação de persistir como eles.

Além de satisfazer minha curiosidade, escrevi este livro para inspirar os leitores a tentar realizar algo notável por conta própria. Olhe com atenção e enxergará um caminho a seguir, não importa qual seja seu objetivo. Todos que empreendem uma busca aprendem muitas

lições ao longo do caminho. Algumas dizem respeito a realização, desencanto, alegria e sacrifício — outras, à meta específica em questão. Mas e se você puder aprender essas lições mais cedo? Se puder estudar as histórias de outros, que investiram anos — às vezes décadas — na incessante realização de seus sonhos?

Este livro representa essa oportunidade de aprendizado. Você será apresentado a pessoas que buscaram grandes aventuras e construíram propósitos de vida em torno de algo que lhes era profundamente significativo. Vai conhecer suas histórias e lições. Saberá o que aconteceu ao longo do caminho e, o mais importante, compreenderá seus *porquês* e a importância de suas jornadas. Meu trabalho como autor é fornecer conexões entre suas histórias e lançar um desafio. Cabe a você decidir os próximos passos.

Ler histórias de outras pessoas talvez o faça pensar na própria vida. O que deixa você empolgado? O que o incomoda? Se pudesse fazer qualquer coisa, sem levar em conta tempo ou dinheiro, o que seria?

Conforme progredir na leitura, verá que o livro se baseia em um argumento claro: *buscas trazer significado e realização a nossa vida*. Se você já se perguntou se há algo mais na vida para além do trivial, pode descobrir um mundo de oportunidades e desafios a sua espera. Mas pense que sua *primeira* missão é ler este livro. Há um objetivo claro (terminar a leitura) e um ponto final específico (a última página). Cumprir a meta exigirá tempo e comprometimento. Felizmente, o sacrifício não será grande, mas a verdade é que, neste exato momento, você poderia estar fazendo outra coisa em vez de ler.

APENAS DÊ O PRIMEIRO PASSO

É difícil colocar em palavras a empolgação que brota quando interrompemos a rotina e começamos a fazer algo que realmente nascemos para fazer. Lembro-me dos meus primeiros seis meses como voluntário embarcado em um navio-hospital na África Ocidental. Quando vi aquele mar de gente em Serra Leoa, eu me senti extremamente vivo. Acima das docas havia as colinas de Freetown, um lu-

gar de abundante beleza natural marcado pela devastação de uma guerra civil de oito anos que tinha acabado de terminar.

Mergulhei de cabeça na vida da África Ocidental e, ao longo do caminho, fui aprendendo mais sobre o ato de viajar. A maneira local de fazer isso era fascinante. Táxis compartilhados se arrastavam pelas ruas de Freetown, pegando até uma dezena de passageiros em uma única corrida. Certa vez, vi um táxi passando sem pessoas no banco de trás: carregava uma vaca morta, que de alguma forma fora posta dentro do carro para ser transportada até outro lado da cidade.

Viajar pela região também era interessante. Por causa da precária malha aérea, com frequência eram necessárias três ou mais escalas em países vizinhos para voar uma distância de pouco mais de mil quilômetros — o equivalente de Nova York a Chicago. Os governos desses países nem sempre se davam bem, de forma que os viajantes que chegavam eram tratados com suspeita, mesmo que estivessem apenas de passagem rumo a outros destinos.

Tudo era novo e empolgante. De manhã cedo, eu corria pelas docas, antes que esquentasse demais. Descarregava material médico e coordenava a logística durante o dia; à noite ficava no píer pensando na vida.

Quando meu compromisso de quatro anos se encerrou, estava sedento por um novo desafio. Havia viajado pela África e Europa, explorando mais e mais países sempre que tinha a chance. Em um dos meus passeios, tomei um voo noturno de Paris para Joanesburgo, e sonhei acordado durante todo o trajeto, lendo os nomes das cidades marcadas no mapa de bordo da Air France e pensando em todas que ainda não conhecia.

Fiquei hipnotizado pela ideia de viajar com frequência, ainda que não soubesse ao certo como — e curtia a ideia de juntar isso a um objetivo maior. Àquela altura, estava ocupado listando os lugares que queria visitar. Sem dúvida, eu já tinha visto bastante; entretanto, havia ainda mais lugares onde eu *não estivera*.

Mesmo acostumado às aventuras de morar e viajar numa região desafiadora, onde tanques patrulhavam as cidades e postes de iluminação eram cravados de balas, em alguns momentos eu ainda me sentia intimidado. Não conseguia falar direito outros idiomas e nunca me descreveria como destemido. Ao olhar o mapa e vislumbrar o *mundo inteiro*,

sentia-me oprimido. Ainda assim, era estranhamente atraído pela ideia de ir a todos os lugares, e algo nisso me lembrava jogar videogames.

Quando criança, adorava os games. Meus prediletos eram aqueles que possuíam diversas fases com múltiplos obstáculos para superar. O objetivo de muitos desses jogos era chegar ao fim para vencer, mas o que eu mais curtia era o simples ato de jogar. Fase a fase, nível a nível, vencendo uma luta depois da outra — eu era particularmente cativado por jogos que apresentassem desafios que só podiam ser superados com repetido esforço e pensamento lógico.

Algo no conceito de lúdico de *ir para qualquer lugar* me fascinava. Se fizesse uma lista e trabalhasse em cima dela, uma grande meta — até mesmo uma meta gigantesca — parecia factível. País a país, encararia o desafio. O importante era o esforço realizado, não o que poderia alcançar. Eu curtia o processo de encarar o mundo, indo cada vez mais longe e a lugares dos quais aprendi muito pouco — isso quando sequer ouvira falar neles. Em algum momento chegaria à fase final, mas o que me divertia mesmo era o jogo em si.

Por que *você* deveria pensar em realizar uma jornada? Porque, apesar de a sua vida ser boa, *você* não se sente realizado. *Você* almeja um desafio que demande desenvolvimento físico e novas habilidades e, se estiver disposto a batalhar por isso, talvez consiga — ou, ainda melhor, talvez construa algo para si próprio.

Lembre-se

Uma busca tem algumas características-chave, incluindo um objetivo claro, um desafio verdadeiro e um conjunto de metas ao longo do caminho.

Preste atenção às ideias que atraem seu interesse, especialmente aquelas que *você* não consegue tirar da cabeça.

Este livro não é um mero estudo sobre o que outras pessoas fizeram. *Você* também pode identificar e empreender uma busca.